

CDU 869.0(81) Andrade, M. 06

LEITURA CRÍTICA DAS CARTAS DE MÁRIO
DE ANDRADE A CÂMARA CASCUDO

Veríssimo de Melo

Em 1991, lançamos CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A LUIS DA CÂMARA CASCUDO (Edição Villa Rica, Belo Horizonte/Rio de Janeiro). São, ao todo, cinquenta e seis cartas, sendo vinte e duas manuscritas e trinta e quatro datilografadas. Há ainda dois bilhetes de Mário, além de recortes de dois artigos dele: "O Desafio Brasileiro", publicado no *Estado de São Paulo*, 23/11/41; e "Separatismo Paulista", datilografado, sem data; e um artigo de Luis da Câmara Cascudo, "Desafio Africano", datado de 28/12/41, com a letra do próprio punho do autor.

Organizamos a edição, datilografando todo o acervo recebido das mãos de D. Dhália Cascudo — esposa do Mestre — redigindo uma introdução e notas explicativas abaixo de cada texto das missivas. Recebemos a incumbência da edição através do presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, escritor Diógenes da Cunha Lima.

O livro teve — como não poderia deixar de ter repercussão nacional e internacional. Dezenas de artigos e notas foram publicados, recebendo ainda o organizador do volume incontáveis cartas de escritores brasileiros e estrangeiros — comentando ou criticando passagens dos textos de Mário de Andrade.

Agora, neste ano de 1993, em que se comemora o centenário de nascimento de Mário de Andrade, fizemos releitura de todo esse acervo em nosso arquivo. Dos artigos, notas de jornais e missivas de escritores amigos pinçamos o que nos pareceu mais relevante do ponto de vista crítico, pondo de lado, tanto quanto possível, referências generosas ao organizador do volume.

Dois aspectos nos parecem supremamente incontestáveis nessa correspondência de Mário de Andrade: a influência deci-

siva que exerceu na obra folclórica monumental de Cascudo; e as observações críticas sobre literatura em geral, que servem — e servirão sempre — aos escritores, poetas, ensaístas, folcloristas da Província.

É evidente que num breve ensaio como este não poderíamos condensar tudo que já se escreveu sobre as *Cartas* de Mário a Cascudo e nos chegou às mãos. Destacamos mais de quarenta nomes de escritores e jornalistas que se ocuparam do volume das cartas em artigos e notas na imprensa. Alguns através de correspondência. De tudo resultando acervo respeitável de opiniões, impressões, críticas.

GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI

O escritor e filósofo paulista Gilberto de Mello Kujawski — tradutor das “MEDITAÇÕES DO QUIXOTE”, de Ortega y Gasset — foi o primeiro a publicar extenso artigo crítico sobre a correspondência de Mário, sob o título de “MÁRIO DE ANDRADE, ARTÍFICE DE VOCAÇÕES”, no “Jornal da Tarde”, São Paulo, 19.10.1991.

Diz Kujawski, inicialmente: “Antes de serem descobertos pela crítica e pelo grande público, Mário de Andrade e Luis da Câmara Cascudo descobriram-se um ao outro em sua correspondência. Mário estremece de prazer ao ser descoberto por Cascudo, neste trecho destacado por Veríssimo de Melo: “Não é isso não minha íntima realidade, você nas entrelinhas provou bem, minha realidade é muito outra, dum antiacadêmico pesquisador, e utilizando desse profundamente humano dom que é a faculdade de errar. Só isso me deu um alívio tamanho que você nem imagina. Foi um benefício enorme, e que devo exclusivamente a você. E lhe devo também outro favor enorme: uma nova faculdade de compreensão dos novos, que o excessivo rebuscamento de mim me estava fazendo perder. Estou outro, estou mocinho, estou virgem, numa vibração nova danada”. (Carta de 18-VI-34).

Kujawski se adentra no conteúdo das cartas e faz observação crítica irrefutável: “A chave da personalidade de Mário de Andrade — do homem e do escritor — era sua visceral *vontade de comunicação* com as cousas e com as pessoas, dirigida pela mais clarividente *intuição* dos valores culturais que lhe permitia acertar quase sempre. Mário intuía com a mente, com os olhos, com os ouvidos, com o alfato, com a ponta dos dedos e dos pés; seu *logos* tinha marca dionisíaca; ele aprendia e ensinava dançando. Notável sua caracterização de Oswald de An-

drade: "Pau Brasil que já conhecia e reli hoje de manhazinha é pra mim o melhor livro dele. Poesia genuína no sentido do lirismo. É lógico: a feição dele é o lirismo meio cômico, às vezes cômico por inteiro, divertido alegre sujeito que come como você não imagina, passa bem é feliz dentro de todas as vicissitudes macotas que lhe têm enriquecido a vida. Porque também ele é um pouco malabarista das vicissitudes. Brinca com elas e se diverte. A primeira parte são frases de cronista e arranjadas juntas. É um dos achados líricos mais soberbos e ricos que nunca se fez". (Carta de 6-IX-25);

Prossegue Kujawski: "Mas nem só de comunicação e intuição era feita a personalidade de Mário de Andrade. A esses dois elementos é preciso juntar um terceiro ingrediente: sua incansável capacidade de trabalho, sua imensa paciência artesanal. O dionisismo de Mário jamais o impeliu para a vida boêmia, frouxa e irresponsável. Pelo contrário, suas cartas mostram como ele trabalhava muito e duramente, pela necessidade de ganhar a vida e por amor à arte". Cita Mário de Andrade: "Se o gênio não é uma longa paciência como queria o outro, é incontestável que sem paciência e trabalho refletido, que só pode ser posterior ao momento da criação, não tem quase obra que seja grande. Sobretudo se for longa. Com exceção das minhas cartas não tem trabalho meu que não seja pausadamente pensado. E assim é que deve ser". (Ano bom de 1926).

Salientando que nas cartas Mário de Andrade "extravasa seu torrencial calor humano, sua impetuosa alegria de viver, de dialogar, de criar", Kujawski registra que "raros são os flagrantes de tristeza e depressão". Revela um deles na carta de 29-V-31, onde Mário confessava atravessar "fase dolorosa de sua vida": "É que perdi um amigo muito querido e em condições muito trágicas, tendo ele metido uma bala nos ouvidos. Era muito moço, apenas 23 anos, estava apenas principiando a aparecer, com afirmação aqui duma crítica musical bastante sólida como bases gerais". Pergunta Kujawski: "Quem seria o jovem amigo suicida?"

Por último, Kujawski lembra que cartas entre amigos incluem freqüentes trocas de elogios. Como prova de carinho pessoal e da consideração que alimentava por Cascudo, passou a tratá-lo de *Cascudinho*. Prossegue: "Mas eis que numa das últimas cartas, datada de 9-6-37, chama Cascudo à atenção para consigo mesmo, num assomo de rude franqueza". Nota-se — frisa Kujawski — que Cascudo lhe escrevera há pouco, queixando-se amargamente, angustiadamente, de sua dificuldade para ganhar a vida, sem ter a quem apelar, senão ao escritor

paulista. E foi nessa hora, apesar de ter acenado em tentar alguma saída para Cascudo no jornal *O Estado de São Paulo*, que Mário de Andrade “cai de pau sobre ele, no seguinte tom: “E, apesar da tristeza não ser momento bom para rispidez, você vai me permitir, duma vez por todas, que fale com franqueza sobre os seus escritos. Geralmente não gosto abertamente deles, e agora careço dizer por que”. Adiante: “Vou dar exemplo do seu descomedimento: a sua monografia sobre o Conde d’Eu”. Pois não faltava mais, — ressalta Kujawski — com tanta coisa nova interessante aparecendo à luz da renovação modernista, como era possível perder tempo com uma figura tão nula e inexpressiva como o Conde d’Eu? Seria justamente pelo que o inosso marido da Princesa Isabel possuía de negativo, como emblema da já desbotada corte imperial? Mário era frontalmente contrário a que Cascudo perdesse seu tempo com certas figuras históricas como o “príncipe vazio”. Sua vocação era mesmo os estudos do folclore. E, textualmente, frisava Mário: “Sei que você pode fazer isso e mais. Você tem a riqueza folclórica passando na rua a qualquer hora. Você tem todos os seus conhecidos e amigos do seu Estado e do Nordeste pra pedir informações. Você precisa um bocado mais descer dessa rede em que você passa o tempo inteiro lendo até dormir. Não faça escritos ao vaivém da rede, faça escritos caídos das bocas e dos hábitos que você foi buscar na casa, no mocambo, no antro, na festança, na plantação, no cais, no boteco do povo. Abandone esse ânimo aristocrático que você tem e enfim jogue todas as cartas na mesa, as cartas do seu valor pessoal que conheço e afaioço, em estudos mais necessários e profundos”.

Conclui Kujawski: “Esta foi a descoberta de Luis da Câmara Cascudo por Mário de Andrade, o bruxo decifrador de segredos brasileiros, que um dia encantou o seu amigo em Natal com aquele imperativo pindárico que vibrou no Mediterrâneo cinco séculos antes de Cristo, *transforma-te em quem és!* E Cascudo se transformou em Cascudo”.

CASSIANO NUNES

No artigo “BREVIÁRIO DE AMOR AO BRASIL EM MUITAS CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE” (*Correio Brasileiro*, 30.1.1992, Brasília), Cassiano Nunes — escritor, ensaísta e poeta — assinala, de início, que Mário de Andrade, polígrafo tão fértil, “nunca chegou a pensar que a epistolografia ia tornar-se uma das partes mais importantes de sua obra e a coleção de suas cartas um dos bens maiores da cultura brasileira”.

As missivas dirigidas a Luis da Câmara Cascudo — adianta Cassiano Nunes — “revelam o artista de gênio especialmente tratando do assunto que mais me poderia interessar, sobretudo neste “tempo de penúria” (Holderlin): o amor ao Brasil. Os que se perguntam “Por que amar ao Brasil” ou “Como estudar o Brasil?”, não devem deixar de ler este livro que tem muito de “breviário de amor ao Brasil”, mas amor mesmo, físico, baseado no concreto, na terra, no povo, na cultura popular, e sem eufemismos abstratos, que carecem de raízes na realidade. O próprio correspondente, numa ou mais cartas, satiriza patriotismos retumbantes, exagerados, justamente por falta de base no real”. Mário — prossegue Cassiano — “não ama um Brasil ‘imaginado’ ou ‘intelectualizado’”, mas um Brasil preso à matéria, aos objetos, aos costumes e às pessoas. É o que se vê logo na segunda carta que escreveu a Cascudo, em setembro de 1924: “Tenho uma fome pelo Norte, não imagina. Mande-me umas fotografias de sua terra. Há por aí obras de arte colonial? Imagens de madeira, igrejas interessantes? Conhece-se os autores? Há fotografias? Acredite: tudo isso me interessa mais que a vida. Não tenha medo de me mandar um retrato de tapera que seja. Ou de rio, de árvore comum. São delícias em minha vida essas fotografias de pedaços menos corriqueiros do Brasil. Não por sentimentalismo. Mas sei surpreender o segredo das coisas comestíveis de minha terra. E a minha terra é ainda o Brasil. Não sou bairrista”.

Noutra carta, de junho do mesmo ano, Mário volta ao assunto, com exclamações como estas: “Tem momentos que eu tenho fome, mas positivamente, fome física, estomacal do Brasil agora. Queria ver tudo, coisas e homens bons e ruins, excepcionais ou vulgares. Queria ver, sentir, cheirar. Amar já amo”.

Cassiano observa, com proficiência, que Mário “defendia o nacionalismo como uma forma de vivenciar a autenticidade”. Explicita: “É patente que o nacionalismo de Mário nada tem a ver com o patriotismo verde-amarelo e estentório de Menotti Del Picchia. Acha-o mesmo um patriotismo garganteiro e besta. Também as pretensões nacionalistas muito vastas e explícitas de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho e Plínio Salgado. São criticadas por Mário que as acha ambiciosas demais, desmesuradas, e, portanto, sem objetividade, “porque os seus autores estão se dando problemas grandes por demais pra resolver num momento em que nada está artisticamente fixado e não sendo eles gênios com a visão do futuro tão firme e segura como a de Whitman”. Arremata Mário: “Daí os livros deles prome-

terem mais do que dão e a gente ter depois de lê-los essa impressão desagradável de desiludido”.

Cassiano Nunes demonstra, ainda, com propriedade, esse amor verdadeiro de Mário pelo Brasil, quando ele “propositadamente, em *Macunaima*, confunde os elementos regionais do Brasil”. Assim se manifesta, a respeito desse livro, em março de 1927: “Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido a minha preocupação desde que intentei me abraçar e trabalhar o material brasileiro”.

Esse amor desbragado de Mário pelo Brasil completo ainda se manifesta de modo coerente quando ele ataca o separatismo, tão do gosto daquela época. Diz Cassiano: “... separatismo fruto de ressentimentos ocasionais ou de planos medíocres de políticos que sonham ganhar prestígio, dando importância ao seu regionalismo eleitoral”.

Por último, conclui Cassiano: “A intensidade desse amor deve-se em grande parte ao gênio, à cultura do poeta-erudito, naturalmente, mas não há nada de insólito nessa doação, pois me parece que, em todos os brasileiros, no seu subconsciente pelo menos, lateja uma vivência integral do Brasil. E não acontece isto somente com os brasileiros natos, mas também com os estrangeiros que escolheram o Brasil como a sua pátria de seus filhos”.

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

O ilustre escritor português José Carlos de Vasconcelos, diretor do prestigioso JORNAL DE LETRAS, de Lisboa, em artigo na edição de 17.2.1991, naquele semanário, sob o título de “CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE: O SABOR DE UM GRANDE POETA” — tece considerações de alto interesse sobre outro ângulo de suas observações. Considera o volume “notável documento”, “obra interessantíssima, sob vários aspectos, inclusive para o conhecimento de tão viva, tão humana e tão polifacetada personalidade do autor de *Macunaima*”.

Pedimos vênias para registrar referência honrosa que o escritor luso faz do organizador do volume, sobretudo pela espontaneidade da manifestação fraternal: “Livro fundamental(...) que muito nos apraz registar, tanto mais ser Veríssimo de Melo um estudioso nobre e fecundo, já com uma vasta bibliografia, e um dos grandes amigos do “JL” no Brasil. Com efeito, presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte e colaborador de vários jornais de sua região, constantemente cita o *Jornal de Letras* e regularmente nos envia palavras amigas e de estímulo que não esquecemos”.

Além de aspectos já abordados por Gilberto de Mello Kujawski e Cassiano Nunes (referidos acima), José Carlos de Vasconcelos fixou-se mais nos encantos das expressões poéticas de Mário de Andrade, conforme foi respigando nas missivas. Ou como disse textualmente: . . . “que considera das mais significativas e reveladoras do sabor de um grande poeta”. Eis algumas dessas jóias andradinas detectadas pelo escritor português:

“Se eu pudesse desgrudar de suas sedas retóricas o cérebro dum parasita, meu Deus, quanta mancha azul”.

“Fui recheado de literatura. Reagi. Revoltei-me. Chamaram a isso de futurismo”.

“É doce viver a existência do amigo”.

“Escrever sem consertar depois o que a própria rapidez e veemência da inspiração enfraquece não dá coisa boa quase nunca”.

“Tenho duas roupas novas, uma capa impermeável e um sobretudo que me deixa lindo que nem inglês. . .”

“Só uma desculpa você pode ter, já se sabe, amor(. . .) Já sei que toda explosão estraga mais o explosivo que o alvo”.

“Gostava mesmo era deitar esta cabeça fatigadíssima no colo carinhoso de nossa mãe daí pra dormir, abanado pelos anjos que andam em volta dela”.

Conclui José Carlos de Vasconcelos com uma exclamação: “Admirável Mário de Andrade!”

NILO PEREIRA

O saudoso Mestre Nilo Pereira, numa deliciosa “Nota Avulsa”, publicada no *Jornal do Commercio*, do Recife, 28.8.1991, comentando o volume, lembrou detalhe curioso de um momento em Natal: “Eu estava, certo dia, em casa de Cascudo, quando chegou uma carta de Mário de Andrade, que deve figurar na seleção feita pelo discípulo amado, Veríssimo. Essa carta termina com estas expressões gramaticalmente chocantes: “*Digo-te isso por serdes vós quem és*”.

Acrescentava Nilo Pereira: “Num trabalho de aula, feito por algum estudante, isso era erro clamoroso, merecendo nota zero. Mas, no modernista Mário de Andrade era uma graça, uma originalidade, u’a maneira pessoal de dizer como quer e entende. Evidentemente, não estava aí a essência do modernismo. Ainda bem. O Modernismo era outra coisa”.

FÉLIX COLUCCIO

O Mestre do folclore argentino e americano em geral, Félix Coluccio, autor do *DICCIONARIO DEL FOLCLORE ARGENTINO*, acusou o recebimento do volume com estas palavras incisivas: "Felicitaciones por el trabajo paciente, ordenado, metódico y excepcional que ha hecho sobre la correspondência entre Mário de Andrade y L. da Câmara Cascudo, que es como decir, entre dos gigantes. Es realmente un trabajo que solo un admirador de esas dos figuras cumbres podia hacer. E o vuelvo a felicitar y decirle que a mi me ha hecho muy bien tan hermoso trabajo". (Buenos Aires, 12.11.1991).

TELÊ PORTO ANCONA LOPES

Telê Porto Ancona Lopes dirige o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. É lá que se encontra o arquivo Mário de Andrade. Considerada como uma das maiores estudiosas da obra de Mário de Andrade, a ilustre professora paulista teve palavras de alto entusiasmo para o volume das *Cartas* de Mário a Cascudo. Disse — em carta que nos escreveu, datada de São Paulo, 18.11.1991: "... agradeço o importante livro em que o senhor divulga as cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo. Conjunto valiosíssimo de textos e informações sobre a obra do nosso Mário, o livro vem, sem dúvida, sanar uma lacuna no que diz respeito ao trajeto do estudioso na seara do folclore e da cultura popular".

Fala-nos na equipe de professores e pesquisadores do I.E.P., citando os seus nomes — "gente estudiosa e responsável": Flávia Camargo Toni, Paulo R. Castagno, Ana Maria Paulino, Claudete Kronbauar, Marco Antônio de Moraes, Marlene Gomes Mendes, Michel Victor Cury, Hardiley Delfini Filho e Vera Lúcia Natale — todos bolsistas da FAPESP e do CNPq.

Após fazer-nos sugestão para conhecer o Arquivo Mário de Andrade, Telê emite opinião sobre o então projeto das cédulas de cinquenta mil cruzeiros com a efígie de Cascudo e outra com a efígie de Mário de Andrade de 100 mil cruzeiros. "Infelizmente, não partilho da opinião do senhor a respeito da nota de 100 mil com o rosto e os sinais de Mário de Andrade. Vai sair, a família concordou. Mas, a meu ver, não se trata de homenagem e sim de uma utilização indevida de alguém que é, sem dúvida, o pai da moderna cultura brasileira e que sempre se manifestou contrário à exploração do homem pelo homem. Pois bem, essa nota jamais estará nas mãos do trabalhador que

ganha salário mínimo. Educação se faz através de escolas, não através de dinheiro, sobretudo em um governo falido como o nosso atual. Lembro-me da "Ode AO BURGUEZ" e da entrevista "OS INTELECTUAIS VENDERAM-SE AOS DONOS DA VIDA". Lembro-me do *Café* e do *Carro da Miséria*. Nada se pode fazer, a não ser discordar. Desculpe a minha declaração intempestiva".

O protesto de Telê foi oportuno. As duas cédulas — a de Cascudo de 50 mil cruzeiros e a de Mário de Andrade de 500 mil cruzeiros e não 100, como se dizia — saíram já defasadas, valendo menos do que pretendiam expressar. A culpa recai sempre na palavra mágica deste fim de século: inflação. Embora se saiba que essa inflação é promovida pelos absurdos da política econômica do Governo Federal, ao lado da ambição dos *tubarões* da indústria e do comércio.

CLAUDE HULET

Do prof. Claude Hulet, diretor do Dep. of Spanish and Portuguese da Universidade da Califórnia, Los Angeles, recebemos carta atenciosa, com esta informação: "Juntamente lhe envio a página onde aparece no JORNAL DE LETRAS, de Lisboa, a resenha (aliás muito positiva) que J.C.V. (Vasconcelos) fez do livro que você publicou há pouco sob o título de CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A LUIS DA CÂMARA CASCU DO. É-lhe útil ter outro exemplar da página aludida? Você deve estar muito satisfeito após publicar um livro tão importante sobre fontes assim indispensáveis da literatura do grande movimento modernista. Você está de parabéns! O abraço amigo de (a) *Claude Hulet* — Los Angeles, 4.1.1992".

EDSON NERY DA FONSECA

Do escritor e Mestre da biblioteconomia brasileira Edson Nery da Fonseca, (de Olinda, onde reside), recebemos cartão-postal nestes termos amigos: "Deus te dê ano bom", como disse Mário de Andrade na carta de 1.9.26 ao Cascudo. Estou em grande falta com você, por só agora acusar o recebimento e agradecer o precioso volume que você organizou com as cartas, várias delas tão bonitas, como, por exemplo, a de 18.VI.34 (p. 132-133). Esperando que, com a sua bondade, me desculpe, vai o afetuoso abraço do velho (completei 70) (a) *EDSON*.

CARLOS REVERBEL

Sob o título de "UMA PONCHADA DE CARTAS", o ilustre escritor gaúcho Carlos Reverbel publicou artigo no jornal *Zero*

Hora, de Porto Alegre, edição de 18.12.1991, saudando o aparecimento da correspondência de Mário de Andrade a Cascudo.

Além de generosa referência ao organizador do volume, Reverbél relaciona a extensa correspondência de Mário de Andrade, a partir de 1958, quando Manuel Bandeira publicou o volume das cartas que o autor de *Macunaíma* a ele dirigiu. Seguiram-se dois volumes publicados por Lígia Fernandes, em 1963 e 1968, (correspondências dirigidas a vários escritores gaúchos). Posteriormente, foram aparecendo outros volumes com as cartas endereçadas a Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Lins, Pedro Nava, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Paulo Duarte, Rubens Borba de Moraes, Henriqueta Lisboa, Guilherme Figueiredo, Moacyr Werneck de Castro, Oneyda Alvarenga, Murilo Miranda, Anita Malfatti, Fernando Sabino e agora Luis da Câmara Cascudo. Até àquela data, Reverbél assinalava que a produção epistolar de Mário de Andrade já atingira dezenove volumes. Em 1992 — posteriormente ao artigo de Reverbél — apareceu mais um volume: "CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A ALBERTO LAMEGO — 1935-1938", perfazendo um total de vinte volumes até fevereiro de 1993. Este último livro tem introdução e notas de Arthur Soffiati.

MYRIAN FRAGA

A escritora Myrian Fraga, em simpático registro publicado no jornal *A Tarde*, de Salvador, Bahia, 26.12.91, salienta: "...o volume renova mais uma vez a certeza de que o criador de *Macunaíma* foi realmente um dos forjadores de uma possível consciência nacional. Abro um parêntese para explicar o 'possível': é que com tanto disparate que se impinge como cultura nacional, parece que a lição não foi bem assimilada. Enfim, estas cartas mudaram a feição da obra de Cascudo na posição de um dos mais importantes folcloristas deste país, com produção antológica como o célebre DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO, etc."

ARTHUR SOFFIATI

O jovem escritor Arthur Soffiati, professor da DSSC-UFF — entusiasta dessas cartas de Mário a Cascudo, muito antes da edição — escreveu três substanciosos artigos sobre o volume em apreço no jornal *Folha da Manhã*, de Campos de Goitacazes, (RJ), entre 21.4.92 a 5.5.1992.

No primeiro artigo, após referir-se à correspondência de Mário com escritores e artistas do Nordeste — Ademar Vital na Paraíba, por exemplo, e agora Cascudo, no Rio Grande do Norte — destaca os temas que desenvolveu em três artigos: a questão do regionalismo (1.º artigo); o conceito de trabalho intelectual de Mário (no 2.º artigo); e sua avançadíssima concepção de continuidade entre natureza e cultura — objeto do 3.º artigo.

“É por demais sabido — diz Soffiati — que Mário, de um lado, andava à cata do que poderíamos chamar de manifestações espontâneas e inconscientes da cultura brasileira, enquanto, por outro, empenhava-se de corpo e alma em construir uma cultura erudita inspirada em tais manifestações”. Adiante, observação de Soffiati já com base nas cartas a Cascudo: “Mário não simpatizava com os regionalismos no interior do Brasil. Diz numa das missivas: “...fugindo ao regionalismo (um perigo) não escrevo mais português. Estou escrevendo brasileiro”. Eis declaração de princípios, em carta de 6/9/25: “Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia de nação e sobre este ponto prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenças e as curiosidades, salientando não propriamente o caráter individual psicológico duma raça porém os seus dados exóticos”. Daí, lembra Soffiati a declaração enfática como escreveu *Macunaima*: “...misturei completamente o Brasil inteirinho, etc. Tinha muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil. Assim, lendas do norte botei no sul, misturo palavras gaúchas com modismos nordestinos, ponho plantas do sul no norte e animais do norte no sul, etc.”

Sabe-se que a revolução constitucionalista de São Paulo criou dificuldades para Mário. Afirma Soffiati: “O homem que se mostrava incapaz de compreender os limites estaduais acaba sucumbindo ao clima antibrasileiro que se alastrou em São Paulo”. Adiante, cita ainda Mário: “... não é São Paulo que está prestes a se rebelar contra a união e até pensar em se separar dela. É o Brasil que se volta contra São Paulo, obrigando-o a se defender da agressão”. Ao final, Mário faz uma ressalva sobre o separatismo de São Paulo: “Além do mais, ele (o separatismo paulista) deve ser visto como fenômeno episódico, fraco, individualista e sentimental, não constituindo uma ameaça à Federação”.

No 2.º artigo, Soffiati examina a postura de Mário em relação ao seu trabalho intelectual. Chega a considerá-lo “um

calvinista inconsciente”, tendo a sua atividade permanente e infatigável o transformado “num dos maiores problematizadores e produtores da cultura brasileira”. Aborda outros aspectos já referidos por comentaristas citados anteriormente.

No 3.º artigo, lembra a polêmica sobre as origens do desafio brasileiro, entre Mário e Cascudo. E faz revelação importante: “Mário mostrava estar atualizado em mais um campo do conhecimento, o da ecologia, que estava apenas nascendo”.

ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL

No jornal *O NORTE*, de João Pessoa, edição de 29.12.1991, Altimar de Alencar Pimentel publicou artigo sob o título de “MÁRIO DE ANDRADE E CAMARA CASCUDO”. Dramaturgo e reputado folclorista, Altimar afirma que foi graças ao volume das *Cartas* que tem hoje conceito “mais correto da literatura epistolar”. Antes, concedia “valor menor ao gênero epistolar, só conhecendo as cartas de Machado de Assis e tido às mãos o volume das de Lobato a Godofredo Rangel.

As cartas de Mário propiciaram-lhe “melhor avaliar a importância da correspondência entre escritores para uma compreensão mais profunda da obra literária de cada um, da psicologia, do comportamento, da vida dos missivistas”.

No caso específico de Mário, Altimar afirma que elas revelam “as intrigas da fase posterior à Semana da Arte Moderna, mesquinhas, reações, como do caráter belicoso do escritor paulista, quando se tratava de defender idéias”.

Altimar vê dois comportamentos transparecerem nas cartas de Mário a Cascudo; de início, “troca de opiniões muito salutares”, “derrama-se de amor pelo Nordeste, por Cascudo, pela gente simples com quem pesquisou o folclore local. A partir de 1932, — acrescenta Altimar — muda o tom das cartas. Há uma transformação violenta. Mário de Andrade revela-se ressentido com o Nordeste e com os nordestinos em função da Revolução Paulista”. E entende mais Altimar que ao assumir a direção do Dep. de Música da Discoteca Municipal de São Paulo, “esse distanciamento parece aguçar-se”.

O folclorista da Paraíba reconhece natural que haja mudança no comportamento do missivista num largo período de dezenove anos. Mas, entende que “determinados aspectos de caráter — espera-se que permaneçam indeléveis, imutáveis para a definição da personalidade”. Analisando o artigo “Desafio Brasileiro”, frisa que o mesmo revela despeito, ranço e nada tem de amigo. Enquanto o artigo de Cascudo (anexo ao volume)

revela "correção e sabedoria, e até uma pitada de ironia, pondo por terra a argumentação do folclorista paulista — já aceita por Roger Bastide".

Por último, Altimar refere-se à "carta terrível": "embora contenha algumas verdades, estas são ditas de forma senão grosseira, mas um tanto ríspida". Conclui, textualmente: "Ao final da leitura das *Cartas* ficou-me um sentimento de tristeza, uma certa amargura por testemunhar que um intelectual da estatura de Mário de Andrade delas sai diminuído, menor, confessando e expondo pequenas mesquinhas".

ACYR CASTRO

Sob o título de "CARTAS COMO ESPÉCIE DE MEMÓRIAS", Acyr Castro, escritor e poeta paraense, publicou artigo no jornal *Provincia do Pará*, Belém, 1992, sobre as cartas de Mário a Cascudo.

Após considerações gerais, aduz: "...Mário de Andrade comete uma injustiça quando, referindo-se a uma monografia do folclorista norte-rio-grandense sobre o Conde D'Eu, chama a este de "príncipe vazio". Não é verdade. Luis Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde D'Eu, filho mais velho do Duque de Nemours, neto do rei de França, Luis Felipe — Maria Amélia, filha de Fernando I, rei das duas Sicílias, marido da Princesa (dona) Isabel (Cristina Leopoldina Augusta Gabriela Rafaela Gonzaga) tinha fama de, à primeira vista, dar idéia de ser profundamente antipático. Somente impressão. "Desajeitado, surdo, brusco de maneiras", diz Max Fleiuss, que o conheceu, conviver com ele fazia a pessoa mudar o conceito. Bom conversador, uma "extraordinária memória" a uma ciência perfeita de "homens e de fatos". O mais antigo consórcio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mereceu, da instituição, a distinção de ser presidente honorário. Em 1981 a USP patrocinou uma obra dele, "A VIAGEM MILITAR AO RIO GRANDE DO SUL", relato de viagem (1865), publicado originalmente em fevereiro de 1920, complementada na edição de 1981 por notas já redigidas em 1919 e em 1920 e acrescida de 19 cartas do Príncipe Gastão de Orleans ao historiador Max Fleiuss. Uma narrativa interessantíssima e, lida por Mário de Andrade, ele próprio seria o primeiro a reconhecer, a tivesse, enfim, lido".

BRAULIO DO NASCIMENTO

Bráulio do Nascimento, folclorista de renome, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Folclore, em cartão datado de

31.10.91, do Rio de Janeiro, frisava aspecto pouco destacado no volume das cartas de Mário a Cascudo: "É mais uma contribuição sua de elevada relevância para a história do folclore no Brasil. É um trabalho imprescindível em nossa bibliografia".

OSVALDO LOPES DE BRITO

Ao registrar o volume das cartas de Mário de Andrade em sua secção "LIVROS", do *O Diário*, de Ribeirão Preto, 18.10.1991, Osvaldo Lopes de Brito faz observação pertinente: "Penso que só faltaram na edição destas cartas os informes biográficos sobre as duas personalidades em foco. No mais, uma beleza".

JÁCOMO MANDATTO

Estudioso da obra de Mário de Andrade, Jácomo Mandatto, diretor da Casa "Menotti Del Picchia", em Itapira, S. Paulo, divulgou comentário simpático na *Tribuna de Itapira*, edição de 7.12.91, sobre o volume em referência.

Minucioso pesquisador, Mandatto contou e recontou o número de cartas de Mário a Cascudo, discordando da nossa estimativa. Em lugar de 56 e dois bilhetes, Mandatto prefere aludir a 55 cartas e 3 bilhetes. É que o pesquisador paulista prefere considerar bilhete um dos textos que nós julgamos carta. Tudo bem. No mais, destaca também a influência que Mário exerceu na orientação dos estudos folclóricos de Cascudo.

HILDEGARDES VIANNA

Outro inteligente comentário nos veio da Bahia, através da folclorista e escritora Hildegardes Vianna, publicado no jornal *A Tarde*, 13.1.1992, sob o título "CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A CÂMARA CASCUDO".

Hildegardes anotou certos aspectos não apreciados por outros comentaristas. Por exemplo, o que Mário pensava de alguns escritores contemporâneos. Sobre Marinetti, ele informava a Cascudo: "O Marinetti esteve aqui e no Rio fazendo conferências e cabotinando numa conta. Os jornais falaram que fui ao Rio esperá-lo. É mentira, não fui não. Pretendia ir, depois desisti e estou convencido que fiz bem. Aqui em São Paulo só estive duas vezes com ele e a desilusão foi grande. Nunca me interessei pela obra dele que acho pau e besta, porém esperava um sujeito vivo e mais interessante. Me deu a impressão de

um sujeito que fala de cor, tudo o que me falou já está nos manifestos de 1909”.

Sobre Graça Aranha — transcreve Hildegardes — disse Mário: “Não nego o valor de Graça nem o papel de protetor nosso e os benefícios pra nós que disso derivaram, porém o Graça anda fazendo um poder de coisas inconfessáveis, de politiquices literárias, atacando só por indiretas. Chegou a ponto de se servir do meu nome sem autorização para afastar o Oswald que ele sabe meu amigo pessoal, da revista *Estética*”.

Comentando a amizade que ligava os dois monstros sagrados, frisa Hildegardes: “A amizade entre os dois evoluiu em compadrio, tornando-se cada vez mais estreita. As cartas revelam o quanto as críticas mútuas interferiram de modo positivo na construção da grandiosa obra dos dois”. Conclui: “É leitura que deleita e ensina. Um livro para ler e reler”.

FRANCISCO VASCONCELOS

Escritor prolífero, Francisco de Vasconcelos foi discípulo do grande Sílvio Júlio, e vem escrevendo constantemente no jornal de Piracicaba, (S. Paulo), *A Tribuna Piracicabana*. Ali publicou comentário sob o título “CONTESTANDO VERÍSSIMO E MÁRIO DE ANDRADE”, edição de 29/12/91.

Começa afirmando que faz crítica isenta e construtiva. E sua intenção precípua era de “colaborar na arquitetura de um melhor juízo sobre a obra de Mestre Cascudo e suas relações com a convivência epistolar, etc.”. Brinda-nos, inicialmente, com uma contestação pelo fato de termos omitido certos trechos das missivas, que o próprio Mário de Andrade pediu reserva a Cascudo. Foram alguns adjetivos pesados que ele distribuiu com alguns escritores e não queria que fossem divulgados. Respeitamos a palavra do morto ilustre. Vasconcelos discorda do nosso ponto de vista. Como se a omissão alterasse algo importante nas cartas de Mário. Coisa nenhuma. Seria falta de respeito à sua memória se tivéssemos divulgado o que ele pediu a Cascudo para guardar reserva. Vasconcelos tem lá o seu ponto de vista, que respeitamos. Mas, nesse ponto, pensamos diferentemente.

Contesta também Mário de Andrade pela crítica que fez ao “príncipe vazio”. (Tema já referido no comentário de Acyr Castro, acima). Diz também que Cascudo já escrevia sobre folclore antes da orientação de Mário. É possível, mas o primeiro livro dele sobre folclore apareceu em 1937 — muito depois do início da correspondência com Mário. Vasconcelos também não aceita a nossa afirmação de que fomos o primeiro a chamar a atenção para a significação da correspondência na vida inte-

lectual de Cascudo. Assinala também este fato no seu livro "CÂMARA CASCUDO DO POTENGI AO PIABANHA", publicado em 1989. Dez anos antes nós já divulgávamos ensaio "CASCUDO EM DOIS TEMPOS", Natal, 1979, onde está o nosso trabalho sobre Cascudo — o Epistológrafo. Lá está a entrevista que fizemos com ele sobre a epistolografia na sua atividade intelectual.

Sendo discípulo amado de Mestre Sílvio Júlio, Vasconcelos adora uma polêmica. É um direito que lhe assiste. Nós, entretanto, oferecemos as provas do que afirmamos. Certa vez, Cascudo nos disse: "*Veríssimo, eu não tenho mais para onde subir ou descer*". E era verdade. Também o mesmo se pode dizer em relação ao genial Mário de Andrade. Pode-se discordar de pontos de vista, mas nada empana a grandeza do construtor da moderna cultura brasileira.

Jovelina Morateli — escritora de Rio Claro (S.P.), em artigo generoso, publicado na *A Tribuna Piracicabana*, 8.5.1992, com uma lata d'água, apagou o fogo entre os dois amigos.

FRANCISCO CARVALHO

O grande poeta Francisco Carvalho — considerado uma das vozes mais importantes da poesia brasileira contemporânea — escreveu-nos com a beleza e propriedade com que sabe dizer as coisas mais simples encantatoriamente. Em carta de 4.2.1992, de Fortaleza (Ceará), ele nos dizia: "Durante minhas férias, tive oportunidade de ler alguns livros de qualidade, dentre os quais o organizado e comentado por você. Depois da leitura cuidadosa desse importante acervo epistolar, chega-se facilmente à conclusão de que essas cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo são documentos fundamentais para qualquer estudo sério que se pretenda realizar sobre as atividades literárias no Brasil, de 1924 a 1943".

Adiante: "Li, com grande proveito, essas cartas do sempre brilhante e irreverente Mário de Andrade. Com aquele seu estilo peculiar, o seu arraigado informalismo, a sua descontração e o seu arrojo coloquial, o escritor paulista presenteia o leitor com informações úteis e da maior valia para os interessados em literatura e em outras disciplinas sobre o conhecimento estético. Oportuno salientar que a sua brilhante introdução às Cartas constitui peça literária da maior relevância e qualidade, devendo servir de orientação para estudos e análises dos que venham a se interessar pela matéria".

OSÉ LÍVIO DANTAS

Do escritor, poeta e tradutor José Lívio Dantas, norte-riograndense radicado em Niterói (RJ), recebemos recorte do artigo "DESINFORMAÇÃO PELO SILÊNCIO", publicado no jornal *A Crítica*, de Manaus (AM), 14.3.1992.

Trata-se de comentário crítico sobre o silêncio que envolve tudo que se publica fora da chamada grande imprensa — da *mídia* — no Rio e São Paulo. Só os *best-seller*, traduzidos do inglês, têm divulgação garantida. Obras do Nordeste, do Norte, do Sul do País — baixa sobre elas o mais pesado dos silêncios. Foi a propósito desse clima de total indiferença pela cultura no resto do país que José Lívio Dantas chamou a atenção para dois livros recentes: "SALIM MIGUEL — LITERATURA E COERÊNCIA — organizado por Iaponam Soares, em Florianópolis; e CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A LUIS DA CÂMAMA CASCUDO", em edição da Villa Rica, Belo Horizonte-Rio de Janeiro. Sobre este último livro, José Lívio Dantas declara: "Uma preciosidade. É um documento por onde se entrevê um ângulo pouco conhecido da personalidade onimoda do autor de *Macunaíma*: o paulistano de corte cosmopolita que morria de amores pelo Nordeste a ponto de sonhar em lá acabar seus dias ("...meu coração caiu no Nordeste e se Deus me der dinheiro, é lá que hei de morrer"). Conclui Lívio Dantas o seu comentário: "Câmara Cascudo não foi apenas o maior folclorista brasileiro ou o guardião mais vigilante de nossa cultura popular, mas aquele a quem Mário de Andrade confiou revelar-se com maior intimidade como homem e como intelectual. É de se esperar que não desça sobre este livro um silêncio irritante que a ninguém dignifica. Aliás, uma das raras vezes em que o silêncio irrita é quando se traduz por omissão e desprezo. No mais, ele é sempre de ouro, como diziam os gregos".

ENÉAS ATHANÁZIO

Em artigo publicado na *A Notícia*, de Joinville, (Santa Catarina), a 21.6.1992, o escritor, ensaísta e contista Enéas Athanázio apreciou o livro das cartas de Mário e emitiu impressões valiosas.

Abordagem nova, por exemplo, foi afirmar que "Mário de Andrade parecia prever que lhe faltaria tempo para escrever as memórias. Falecendo ainda moço, ele as escreveu, no entanto, em forma de cartas, as centenas de cartas que mandou aos amigos, onde abordou com minúcias desde posições estéticas

até trivialidades do cotidiano. E só na carta, dizia Brito Broca, pode um escritor tratar de coisas triviais sem perder o encanto. Agora, com a sucessiva publicação dessas cartas, reunidas em livro, vão se delineando os eventos e os traços dessa personalidade fascinante que foi o autor de *Macunaima*. Em cada carta publicada é um novo capítulo dessa memorialística *sui generis*, construída em diversos volumes, ao sabor das circunstâncias e que não se sabe quando terminará — se é que terminará”.

Discorre Athanázio sobre a amizade que ligou os dois grandes escritores, suas influências recíprocas, o amor de Mário pelo Brasil, a importância da obra folclórica de Cascudo e outros temas já abordados por comentaristas citados acima.

Sobre os pronunciamentos de Mário de Andrade contra o separatismo, conclui Enéas Athanázio seu artigo: “Quem me dera pudesse fazer este livro lido em todos os cantos, em especial por esses desvairados que vivem pensando em dividir o nosso país. Talvez as palavras de Mário de Andrade inibissem essas tentativas de perpetrarem o mais grave dos crimes contra o Brasil”.

ASCENDINO LEITE

Mestre Ascendino Leite, autor do JORNAL LITERÁRIO — agora com dezesseis volumes publicados — escreveu estas reflexões na sua coluna do jornal *O Norte*, de João Pessoa, 20.8.1992: “Veríssimo de Melo me envia seu livro contendo as cartas escritas por Mário de Andrade ao mestre Luis da Câmara Cascudo. A introdução ao volume de autoria de Veríssimo é bem mais interessante que a epistolografia do literato paulista que, por esse lado, nunca me fez o necessário para que eu o levasse a sério. Ele escreveu coisas melhores: na ficção, por exemplo, a partir do seu *Macunaima*, se considerado somente numa ótica nacional, para uso doméstico de país atrasado e primitivo. E, como crítico, como ensaísta literário, um bom número de páginas ainda hoje apresentando achados felizes, observações simplesmente originais, própria dum escritor de grande pulso e extraordinário senso das possibilidades da literatura”.

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

O último estilista do Rio Grande do Norte, o escritor Oswaldo Lamartine de Faria, residente no Rio de Janeiro, agradeceu a remessa do volume com um dos seus cartões deliciosos. Diga-se — de passagem — que Oswaldo é um mestre que con-

tinua falando com o sotaque dos homens do Sertão do Seridó (RN) e escrevendo com o vocabulário típico da região. No cartão, datado do Rio, 9.10.91, ele faz considerações sobre um aspecto que nenhum dos nossos amigos falara. É que ele também é bibliófilo. Vive diariamente nos “sebos” do Rio de Janeiro, recolhendo preciosidades literárias. É outro do seus vícios incuráveis. Observem como ele se expressou: “O livro das CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE chegou ontem e logo me atraquei com ele. Estou apoiado. Gostei de sua apresentação. Discreta, sem se enxerir no texto e esclarecedora. Parabéns”.

Adiante se refere à arte gráfica do volume: “Gostei tb do formato e pelo fato de ser costurado (implico com os livros colados que, com o tempo, não sei se pela qualidade da cola, do nosso clima ou da nossa falta de caráter — se desmancha como cartas de baralho). E gostei do colofão. A vista é que já não é mais a mesma. Daí sou um saudosista da impressão tipográfica, quando as letras eram ferradas no papel, indelíveis como o ferro em brasa no couro do boi. Essas dagora, em filmes, apagadas, ficam como gado mal ferrado — chamuscados apenas no cabelo”.

OSÉ RAFAEL DE MENEZES

O escritor e ensaísta paraibano, José Rafael de Menezes, em missiva datada do Recife, outubro de 1991, saudou o livro com palavras amigas que lembram os velhos tempos da Faculdade de Direito do Recife, onde fomos colegas de turma: “Sua generosidade epistolar e bibliográfica tonifica qualquer enfermo. Se refizer-me o suficiente para redigir largo, comentarei seu livro. Guiado pelo articulista do Symposium, compreendi melhor o valor das cartas de Mário de Andrade. Quanta gula abençoada! E humilde. Encantou-me a figura humana. Já o terão biografado satisfatoriamente? Como sempre estive indiferente ou preconcebido com os modernistas, e pouco li sobre o Autor que você revela na biografia das cartas. Há pouco confirmei uma conferência redigida para o centenário de Jackson: o melhor dos escritos dos calorosos sergipanos: as Cartas. Há vinte anos que aguardo as de Alceu. Esperaremos tanto pelas de Cascudo?”

RENATO PACHECO

Escritor capixaba, folclorista dos maiores do país, Renato Pacheco resenhou o volume na sua seção “Tribuna Livre”, do jornal *A Tribuna*, de Vitória (ES), edição de 6.12.91. Eis

um trecho do seu registro: “Não fora a paciência beneditina de Veríssimo de Melo, (...) pesquisador potiguar, impossível lermos, com proveito, as “Cartas de Macunaíma a Cascudinho” (...) Vê-se a grande ligação que havia entre o paulista e o Nordeste, na ocasião em que o modernismo explodiu em todo o país. Quem sabe hoje em São Paulo dos grandes escritores nordestinos? Mário de Andrade os conhecia, carteava-se com eles, e incentivava sua produção literária. Positivamente, era outro Brasil. Esses livros, sumariamente resenhados, demonstram uma coisa que Vianna Moog já dizia em célebre conferência para a Casa do Estudante do Brasil. O Brasil somos ilhas, que se desconhecem entre si. Precisamos escrever cartas, precisamos entrar em contato uns com os outros, para maior conhecimento de nossa terra e de nossa gente”.

OSÉ E. MINDLIN

O grande industrial e incentivador da cultura brasileira José E. Mindlin — em carta datada de 10.1.1992, de São Paulo, — acusou o livro com palavras cordiais: “Na roda viva de fim de ano, não pude lhe agradecer desde logo o exemplar que teve a gentileza de me enviar de sua publicação das “Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo”, que nosso comum amigo Genivaldo Barros fez chegar às minhas mãos. Com minhas desculpas pela demora, envio-lhe agora meu agradecimento e meus parabéns por essa excelente publicação”.

CLÓVIS MEIRA

No jornal paraense *O Liberal*, de 14.2.1992, o escritor Clóvis Meira publicou extenso comentário intitulado “AS CARTAS DE MARIO DE ANDRADE”. Abordando vários aspectos das missivas do escritor paulista, deu ênfase à sua passagem pelo Amazonas. O artigo de Clóvis Meira está porejante de admiração e ternura por Mário, por Cascudo e até pelo organizador do volume.

MARCO LUCCHESI

O escritor e poeta Marco Lucchesi, residente em Niterói (RJ), expressou em carta de 9-6-03 seu ponto de vista: “Fiquei impressionado e comovido com as Cartas de Mário a Cascudo. Aliás, como sempre me deixam. A carta terrível é de uma lucidez cortante. Como é grande Mário de Andrade! E sua altitude serviu ao Brasil, à nossa literatura, na busca do que somos. Assim

como Drummond, Anita, Bandeira, M. Miranda, Fernando Sabino, etc. A cada publicação de Mário, uma surpresa, uma comoção, um destino. Como no caso de Cascudo, um destino! ... a introdução ao volume, como sempre, é elegante, cheia de sugestão e idéias seminais. Ótima”.

GERALDO EDSON DE ANDRADE

O escritor Geraldo Edson de Andrade — contista e renomado crítico de arte — residente no Rio de Janeiro, em carta datada de 15/6/1993, nos dizia: “Como sempre, louvo a sua gentileza e presteza no envio das cartas de Mário de Andrade a Cascudo. Trata-se de um inestimável trabalho à cultura brasileira, que me fascinou por completo. Numa só noite devorei o livro, cuja espantosa atualidade muito me impressionou. Você tem toda a razão quando observa, na introdução, que Mário mudou a trajetória literária do nosso Cascudo. Um belo trabalho”.

Adiante: “No tocante à arte, que é o que mais me interessa, por ser o meu ofício, a alienação é total. Não sou nenhum jacobino, mas irrita-me certos conceitos da crítica tendo como bases modelos alienistas, sem que se volte primeiramente para o homem brasileiro. Por isso, considero valioso para qualquer estudioso a leitura dos nossos principais estetas e etnólogos. Mário de Andrade — e acho que todos temos confiança nos destinos culturais deste país, é, na minha opinião, um gênio e representou um papel preponderante com os seus estudos sobre o nosso povo. Foi ele um intelectual voltado para o Brasil, para o seu modo de ser, suas peculiaridades, pois, apesar de fazermos parte da América do Sul, nossa civilização difere daquela herdada do povo espanhol. Pude constatar isto quando de minhas viagens pelos países latinos. Ainda outro dia relia, de Mário “ASPECTOS DAS ARTES PLÁSTICAS NO BRASIL”, no qual o capítulo sobre o desenho deveria ser lido e meditado pelos pintores brasileiros, principalmente os mais jovens, tão confusos quanto à pintura e seus rumos contemporâneos”. Concluiu: “Mais uma vez renovo meus agradecimentos. Foi ótimo receber o seu livro e conhecer um pouco do pensamento de ambos, numa época distante, e, no entanto, cada vez mais próxima de nós”.

OUTROS REGISTROS

Outros, vários outros artigos e notas de jornais foram publicados em diversos Estados — sobre o volume das Cartas

de Mário a Cascudo. Como igualmente foram transcritos alguns desses artigos em diversos periódicos.

Como é limitado o espaço nesta bela revista da Fundação Joaquim Nabuco, *Ciência & Trópico*, — apenas mencionaremos nomes dos autores de artigos e notas e órgãos nos quais foram divulgados. Pedindo desculpas pelas possíveis omissões, queremos ainda agradecer efusivamente a todos pela generosa acolhida dispensada ao volume.

Registramos artigos de *Celso da Silveira* na revista *A Carta*, de João Pessoa; de *Irany Leme* no Boletim do IBECC, Rio de Janeiro; de *José Nazareno Moreira de Aguiar* e de *João Batista Pinheiro Cabral* no jornal *Tribuna do Norte*, de Natal; de *Elder Heronides* na *Gazeta do Oeste*, Mossoró (RN); e ainda texto da redação da revista *A Carta*, dirigida pelo jornalista Josélio Gondim.

Entre as várias notas de jornais e transcrições, registramos agradecimentos a *Wladimir Araújo*, editor de *D.O. Leitura*, de São Paulo; *Geraldo Fontenelle*, diretor de *Notícias Culturais*, de Fortaleza, (Ceará); *Danilo Gomes*, em *BsB-Letras*, de Brasília; *Dorian Jorge Freire*, em *Gazeta do Oeste*, (Mossoró-RN); *Salésia Dantas*, no *Diário de Natal*; *Nelson Patriota*, em sua secção de livros da *Tribuna do Norte*, Natal; *Woden Madruga*, também em *Tribuna do Norte*, Natal; *Vicente Serejo*, no *O Poty*, Natal; *Gilberto Amaral*, no *Estado de Minas*, Belo Horizonte; *Paulo Macedo*, *Diário de Natal*, RN; e *Tácito Costa*, em *Dois Pontos*, Natal.